

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO BRASILEIRO

ISSN0101-4366

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serà posteritate frui

Nº 344 — JULHO — SETEMBRO



Brasilia — Rio de Janeiro
1984

AS FORTIFICAÇÕES DA AMAZÔNIA NO PERÍODO COLONIAL

Arthur César Ferreira Reis

A formação do amplo espaço político que constitui a Amazônia brasileira resultou de uma decidida ação de desbravamento e incorporação daquela área ao império que Portugal criava incessantemente na América do Sul. Foi façanha de sertanistas, de Tropas de Guerra e Tropas de Resgate, que penetravam o rio Amazonas e afluentes, buscando a mão-de-obra indígena, ali abundante, para os empreendimentos agrícolas e extrativistas que marcavam, no campo econômico, uma conseqüência política realista dos objetivos dos colonos luso-brasileiros que se iam identificando com a área e nela assentando as marcas do exercício da soberania que representavam.

Essa ação dos sertanistas foi acompanhada pelos religiosos de seis Ordens, que se aproximaram dos inúmeros grupos indígenas que por lá viviam e com eles compuseram pequenos núcleos de povoamento ordenado, muitos dos quais são sedes de municípios no Pará e no Amazonas, na atualidade.

A façanha não foi, porém, uma façanha isolada, vencidos obstáculos criados pela natureza regional e pelos grupos indígenas que não se submeteram facilmente à perda de autonomia sob que viviam então, mas também de estrangeiros, representados pelos espanhóis, franceses, ingleses e holandeses. Estes últimos fundaram pequenos núcleos que os luso-brasileiros destruíram, deles restando apenas os restos de um fortim que deu origem, de certo modo, à cidade paraense de Gurupá. Nele os holandeses haviam montado aquela fortificação entre os índios Mariocay. Os espanhóis, que se firmaram nas linhas apertadas do Tratado de Tordesilhas, assentaram aldeamentos ao longo do Solimões, origem das cidades amazonenses de São Paulo de Olivença, Tefé e Coari.

Os franceses pretenderam ocupar a faixa litorânea do que constitui na atualidade o Território do Amapá, mas também foram contidos pelos luso-brasileiros.

A política portuguesa, visando ao exercício de sua soberania no mundo físico-político imenso que estava criando, firmou-se com a ereção de pequenas fortificações, que representavam o poder militar português e asseguravam o exercício de sua soberania com maior segurança. O fortim do Presépio construído em 1616 por Francisco Caldeira de Castelo Branco e origem do núcleo urbano que é hoje a cidade de Belém, foi o início dessa política de fortificações.

Em 1695, Sua Magestade o rei de Portugal, D. Pedro II, determinou que se elaborasse um plano de fortificações regional, para isso informando-se do que era o sistema, estado das fortificações existentes e indicação das que deveriam ser levantadas.

O informe com as sugestões, apresentadas a S. Magestade, consta do documento que vai a seguir, de autoria de um conhecedor realista da região, de nome Pedro de Azevedo Carneiro:

«Satisfazendo ao que sua Mag^{de} me ordena informe das fortificações; assim novas, como velhas do Estado do Maranhão o faço na forma seguinte.

Ponto 1º: Na cidade de S. Luís do Maranhão ha hũa plantaforma antiga donde alcancei algũas peças cavalgadas o qual não tem utilidade, nem defença, e hoje está fechada.

P. 2. Ao pé da praça junto á ribanceira estão dous redutos, feytos sem arte cuja paragem tem muito prestimo para a defença do desembarque, mandando se fazer conforme a doutrina da fortificaçam, fazendo se justamente sobre a ribanceira hũa praça alta que os domine, e defenda com quatro baluartes, dous para o mar, e dous para a terra para sujeçam dos rebeldes.

P. 3. Na ponta da areia de João Dias fiz hũa fortaleza citadella quadrangular com quatro baluartes, que defendem aquella barra, e por que esta necessita de ter seu reparo, como he fosso, e estrada encuberta, e como a capacidade do terreno não pode sofrer fosso de cava por ser areia solta, e aos quatro palmos logo se dá com agua, se deve fazer hum fosso artificial, como o que queria fazer lançando a linha razante da linha superior do parapeito para a campanha espaço conveniente que dê lugar a largura do fosso, e esplanada quanto mais á campanha melhor, o fosso deve ter sempre a largura do flanco, e lançada hũa linha perpendicular da linha razante sobre a linha inferior do fosso a altura que a dita linha tiver, essa será a altura que se deve dar ao fosso, e todo o mais espaço que houver desta linha para a campanha onde fenesse a razante esta será a esplanada largura em que se deve comessar o alicesse, e este será tam porfundo como der lugar a res-

peito da agua, começando do ponto inferior da esplanada a hir subindo á escarpa athe chegar a linha superior do fosso, o qual pode servir de estrada encuberta fazendo lhe juntamente duas outras banquetas athe chegar o parapeito conviniente para a defenza que servem de ossos para emtreter o inimigo.

P. 4. Esta fortaleza necessita de trinta pessos de artilharia porquanto lhe fiz largos dous terraplanos das cortinas, hum que fica oposto a baya de Arazagi por onde entrão os navios, outro ao canal da barra, servindo estes terraplenos de plantas formas, para que com mais violencia defendão aquella entrada, as quais pessos serão de calibre de seis athe doze; a infantaria que deve assistio de guarniçam a esta fortaleza, ha de ser hũa companhia de quarenta soldados, e seis artilheiros, com hum condestavel affectivamente, isto por estar proxima á cidade para o socorro com boas armas de pedraneyras, e pólvora, e ballas, assim para as espingardas, como para a artilharia conforme o seu calibre, e não sejam como hũas que lá forão, que são de mayor emboCADURA do que as pessos que se achão no estado.

P. 5. Depende esta barra de hum forte com quatro pessos feyto na parte opposta á fortaleza, no citio a que chamão as Camboas, para que este com a fortaleza cruzem os tiros, para que fique a barra por esta parte bem defendida, que com os dous reductos, e praça alta que se deve mandar fazer na cidade se fará inexpugnavel.

P. 6. Para a banda da barra de S. Joseph que serca a cidade em redondo, por donde já entrarão navios, não escuza alguns baluartes para defender os desembarcadouros, como he em S. Marcos (que serve de atalaya, e tem ahí hũa pessa com que dá avizo á cidade dos navios que apparesem a qual está debaixo de hũa cabana) em S. Joseph, em Sam Gonçalo e em N. Senhora da Guia, e será dificultozo ao inimigo vir á cidade, sempre ha de vir buscar a barra principal que fica defendida, e sempre vem a servir os ditos fortins de vigia.

P. 7. Da cidade do Maranhão hum dia de viagem está hum rio chamado Itapucuru donde a entrada tem hũa fortaleza, que hum morador levantou a sua custa para enfreio do gentio que continuamente tem infestado aquelle rio, e morto, e roubado muitos moradores delle; a qual fui ver, e suposto que não tem forma de defenza para o effeito que se fez, nam necessita de mais obra; e somente de mais soldados, porque os poucos que tem quando hião buscar o sustento a fechavão por fóra como saleiro, eu lhe mandey tirar a fechadura, e pôlla por dentro com suas trancas para que houvesse mais cuidado de a não dezampararem, e me parece que para Sua Mag^d remediar este defeito, deve mandar tenha vinte soldados de guarnição com dous artilheiros, e que ficam estes exercisio militar entrando e sahindo de guardar por esquadras, fazendo sentinella de dia e de noute, e para que esta fortaleza tenha quem a sirva, elles remem as canoas dos continuos avizos que

fazem sobre o gentio bravo que não sessa de executar nos moradores daquelle rio muitas extrossoins; deve o dito senhor mandar seja obrigada ao serviço da dita fortaleza a aldeia situada no mesmo rio.

P. 8. A villa de Tapuitapera necessita muito de hũa boa fortaleza para defença da entrada daquelle villa que he de muito proveito á cidade do Maranhão por vir daquelle parte a mayor do sustento daquelle cidade, como tambem o rio Mearim donde o gentio tem feito muito dano, estruindo os currais; e engenhos que nelle ha, que obrigão aos moradores a despejarem; e juntamente a nova villa do Icatú, que levantou o governador Gomes Freyre de Andrade necessita de ser fortificada, sem embargo que esta, e o rio Mearim tem suas casas fortes de pau a pique, não he obra porque sem estacas, sem reparos, nenhũa forma, nem guarniçam necessaria; e athe aqui do Maranhão.

P. 9. Passando ao Pará, tem esta cidade huma fortaleza feita o antigo sobre hũa ponta a qual na forma em que está, não tem defença nenhũa, sendo esta tão necessaria pello citio em que está defendendo a melhor parte do desembarcadouro daquelle cidade, e he de muita utilidade para oprimir os rebeldes, e amotinadores, e nella está parte das muniçoens; este he necessario pôlla em boa forma aproveitando lhe muitas das muralhas para as cortinas acrescentando lhe os baluartes assim para o mar, como para a terra, acrescentando a de hũa parte, e cortando a de outra, athè ficar quadrangular, deitando lhe fora hũa praça bacha que tem que não serve de defença nenhũa, e esta está aruinada porque os mares a tem minado e com bem poucos gastos se pôde fazer hũa boa sitadella, aproveitando todos os terraplenos por ter perto a pedra com que se pode revestir e em lugar da praça bacha se podem fazer mais largos os terraplenos das cortinas, oppostas ao mar, para que sirvão de plantas formas para se lhe por a artilharia, que baste para defenderem aquelles desembarcadouros, que melhor o ham de fazer, que a praça bacha; esta tem os soldados da praça que a guarnecem, acrescentando as Companhias com mais gente porquanto succede em muitos tempos entrar hum capitão de guarda de tropa com sete soldados, e a bandeira por terem tirado os mais para guarniçam dos prezídios.

P. 10. A artilharia tem o que lhe basta com as pessos que concertey avendo nellas mais cuidado de as reparar das continuas chuvas daquelle terra, mandando Sua Mag^d advirtir aos que tem aquella obrigaçam.

P. 11. De artilheiros necessita muito esta fortaleza ter mais do que tem, e mais bem doctrinados, porque dos poucos que ha se repartem para as fortalezas, e se mal ensinados vão peyores se fazem porque não tem quem os ensinem, nem exercissio, ao que deve S. Mag^d atender, mandando fazer neste forte hũa caza de Tenencia donde esteja o trem da artilharia, e donde se leia liçam, ao menos hũa ou duas vezes na somana, e quando se queira encarregar o sargento mor engenheiro

Joseph Velho me parece capaz de poder ensinar aos artilheiros, e mais officiaes a lição asim de suas obrigações; como do que hão de obrar, (porque devem de saber as pessos com que laborão, conhecer seu calibre, e se são faltas de metal, tirar lhe o vivo põllas de ponto em branco, para as emendar nos tiros, e lhe saber asestar as pontarias, o que nenhum delles sabe) para o que necessitão de exercissio atirando a barreyra.

P. 12. O mesmo necessita a Infantaria asim de armas como de exercissio, e havendo S. Mage acrescentar as Companhias, lhes são necessarios quarteis, como tem todos os soldados, e os da Baya em S. Bento, e no desterro, os quais se podem fazer na campina parte acomodada e capaz na cidade do Pará com bem pouco custo aonde estejão os soldados e tenham as suas armas com sua praça dellas para os seus exercissios, encarregando Sua Mage ao Sargento mor Capitaens, e ajudantes lhes ensinem, asim as obrigações; como o manejo das armas, e que tenham os Sargentos cuidado de que andem limpas, e bem concertadas, porque as que hoje ha no Pará, a hũa lhe falta o parafuzo, a outra o camarão, e a muitas a molla real, isto por falta de não terem os soldados com que as mandar concertar, porque querem os Provedores da fazenda real que elles as concertem a sua custa, e hum espingardeiro que Sua Mage de cá mandou lhe pede dez ou doze tostons pelo que cá vale hum, o que o pobre soldado não pode pagar por ser o soldo mui lemitado, e com isto não tem Sua Mage soldados para o servir, nem armas para defença, ao que he necessario que Sua Mage acuda, e o mesmø se deve fazer no Maranhão por ser este achaque comum em todo o Estado.

P. 13. A fortaleza da Lage da Barra do Pará he hũa das melhores, que tem toda a America por sua capacidade, citio, e defença, está acabada, e só lhe faltarão as obras intiriores, como sam quarteis, Armazens; corpo de guarda, este deve Sua Mage mandar advirtir ao engenheiro, que o deve fazer oposto á porta e não na caza matta donde tem a sua planta a letra B porque os corpos da guarda se não costumão meter nas cazas senão na parte mais proxima a defença, e como esta he a porta donde por ella pode ser esta fortaleza combatida, e asaltada, que por outra qualquer parte não pode ser, logo esta deve ser a mais defendida, para que o corpo da guarda ha de estar patente a ella, para que sem embaraço se lhe possa acudir.

P. 14. Tambem não deve uzar da rua que está fronteira á porta porque quem chegar a ella não conheça a capacidade da praça, e quando por ella seja combatida, não tenha a entrada franca, antes deve ter três canhoneiras para barrer a entrada, e quanto mayores defensas nas portas melhor, por ser esta parte como tenho dito, a que só pode ser asaltada.

P. 15. E juntamente que nam possa usar da ponte dromente porque não he de utilidade, nem poderá ter prezistencia com as correntezas do rio, antes pode servir de escondedouro, e de reparo ao cometimento da porta, nem athe o dia de hoje tenho visto, nem ouvido praticar, que haja pontes dromentes nas fortalezas do mar, quando se pode fazer hũa escada de grossos pranchõins de pao de girao, que he incorrutivel, a esta posta sobre hum eixo que ande para se poder levantar, e desser, todas as vezes que for necessario, e presa por sua parte inferior com duas groças cadeas, ou dous calabres para a levantar quando for necessario, e sem embargo que o páo he pezado, e se vay ao fundo, comtudo se porá na parte inferior hum grosso varão de ferro, ou hũa boa chumbada, para que com mais firmeza assente no solho sobre que está fundada a dita fortaleza, porque este na vazante fica descoberto em redondo dela, doze e vinte palmos, e em parte trinta de largo, e na emchente cobrirá mais de ametade da escada, com que na vazante, a emchente tem serventia para a fortaleza a dita escada, que he o de que necessita, e tem o mesmo trabalho de subir, e desser, que havia de ter a ponte levadissa, que havia cahir sobre a dromente, e superfluos os gastos que com ella se havião de fazer continuamente a respeito das correntezas do rio.

P. 16. Ha mister esta fortaleza boa artharia, e algũa de bronze, que no estado não ha nenhũa pessa deste metal, mais que dous pequeninos falconetes no Jurupá, e hamde ser as pessos de calibre de 18 e de 16, de doze athe oyto, e as de oyto para as cazas mattas, guarda portas, as demais para a prassa alta, que por todas bastarão por hora 30, e as cronhas das peças das casas mattas ham de ser de quatro rodas como as de navios, para se lavourem com mais presteza.

P. 17. Esta para a occasiam pede mais artilheiros que Infantaria, e sobre tudo hũ bom dondestavel, porque a serca o mar em redondo, e não tem parte donde a Infantaria possa defender mais que a porta, a qual se tiver bons restilhos, e setteiras impossivel será o entralla, e ha de mistir hum bom cabo com trinta soldados, e dez artilheiros, porque os soldados na occaziam ajudam a manejar a artharia.

P. 18. He necessario tambem fazer se na entrada desta barra, outra fortaleza no citio da ponta do mel adõnde os navios quando entrão vão por sua de rotta buscar o canal junto della e tiro vehemente de pessa, e como o inimigo pode hir a este citio por terra desembarcando em outra qualquer parte, para o combater; necessita de hũa boa fortaleza, por ser a entrada daquella barra, e porque o dito citio tem capacidade para tudo, e ali ha bastante pedra, e bem se poderá fazer com reparos de fosso, e estrada emcuberta para se defender de qualquer invazam inimiga.

P. 19. E com esta fortaleza feyta, e a de lage, com a da cidade, e hum fortim, que tambem se deve fazer em hum citio na campina jun-

to a margem do rio, em hum tezo escolhido pelo meu Governador, e Capitam General Gomes Freyre de Andrade que he de muita conviniencia por estar oposito ao canal principal daquelle rio, e defende o desembarcadouro inconitto a fortaleza da cidade com o que ficarã defendida.

P. 20. Nas Salinas outo dias de viagem do Pará, está hũa pessa, que serve de guia aos navios que vem por aquella costa, para se fazerem ao mar por cauza dos bachos, e lhe atirão com ella para sinal de que estão naquella paragem, tem tres soldados que servem de vigia, e de guardar o sal de Sua Mage; no que me parece não ha mister reforma.

P. 21. Na Ilha Grande de Joannes hum dia de viagem do Pará, está hua caza forte sem forma de nenhum reparo, que he hũa caza quadrada de quatro paredes com hũa pessa, que em seus dias não devia ver polvora, esta está occupada com hum capitam e tres soldados de guarnição, que o mais que fas he governar hũa Aldeia, que serve o pequeiro de Sua Mage e necessitava este citio de ter hum mui bom forte com 6 pessos, e doze ou dezesseis soldados de guarnição, por estar em hum citio fronteiro ao mar, donde com muita facilidade podem vir algũas nassõins inimigas, como já ahi vierão francezes, e he o citio mais fertil daquellas partes donde so podem fazer famozas, e mui grandes povoacoins; porque tem grandes campinas para gado muitas, e dilatadas adonde hoje alguns moradores vão habitando pellos convidar a isso sua fertilidade, e abundancia, em hum citio chamado Marajó, e donde ha hoje alguns currais. Para esta mesma Ilha tem descidos os Padres Missionarios de S. Antonio grande parte da nação dos Aroans, e he grande beneficio este por divertir este nação da communição dos Francezes, os quais lhes servião de guias para os seus contractos, e deve Sua Mag^de mandar, e recomendar se continue nesta diligencia com todas as forças, e se acabe de deçer esta nação toda por ser a que mais comercio tem com os francezes de Cayena.

P. 22. No Cabo do Norte em hum rio, chamado Araguari, fiz hum forte quadrado na forma de hũa estrella, em hum citio que fechava o caminho por onde os Francezes costumão entrar para as negociassõins que fazem no rio das Amazonas de escravos com Indios nossos compadres, e por não haver no dito citio, nem em seus arredores pao incorrutível de girao a fis com paos de breu, e outros deste genero, pouco duraveis, e fachina porem feito com tal arte, que vindo ahi em hũa occasião o Governador de Cayena Monssiur de Ferrolhe acompanhado de hum Capitam com sua companhia de mais de 30 soldados, e mais Officiaes, e Indios seus compadres, se não atrevo a asaltalla, disfarçando o intento por não experimentar o perigo, e continuando a conceguir outra empreza mais a seu salvo se partio para Comaú.

P. 23. E porque o tempo corrompeo os paos e os mares comerão a terra no fim de tres annos se arruinou; e inda durou mais tempo do

que se esperava, porque se não fez mais que para aquelles primeiros annos emquanto se determinava, se comvinha, ou não, concervar naquelle citio fortaleza.

P. 24. E como o tempo tem demonstrado, q convem que haja ali alguma força, pois o citio he chave daquelle rio, para que não possam por elle vir os francezes ao das Amazonas e seus contractos, quando quere[m] vir, com menos perigo vindo pellos lagos, por não dobrarem o Cabo do Norte: Deve Sua Mage mandar se faça ao mesmo citio, outra fortaleza, por ser esta capaz de impedir suas entradas, e tratos com o gentio, tambem daquelle rio, porque lhes servem de linguas e differentes nasçõins com quem os Francezes tratão, cuja repartição he dos Padres de S. Antonio, a qual fortaleza se deve fazer de paos incorrutíveis de girao levados das Ilhas do Pará donde o ha, porque se a outra se nam fez com elles, era pella dificuldade que havia da navegação por não estar verssada a respeito da Porroca, que he a violencia da Motta succedeo, que se tem acabado duas vezes 4 annos, e mais tres, e não tem feito as fortalezas a que está obrigado naquelle rio, e tem cobrado 12 mil e tantos cruzados, preço porque arrendou, seçenta Indios que Sua Mag^{de} lhe concedeo por 4 annos para que com elles tirassem drogas do sertão para os gastos das fortalezas, e dentro deste tempo as acabar, e não tem feito mais que duas cazas fortes sendo as fortalezas coatro as a que está obrigado.

Concertandoce esta fortaleza do Gurupá fóra as que tem ha mister mais 4 pessos de 16 para alcançar o rio, e dominallo; tambem se pode aquelle citio reformar, fazendoce nelle hũa boa povoação como já foy, e hoje existem alguns soldados com familia, e não será de menos utilidade que os soldados que para ali fossem de prezidio, fossem cazados, e levaçem sua familia donde tem terras bastantes para suas culturas, e lhes podem dar Indios por seu salario para lhes rossarem, e buscarem de comer, como de presente o faz o dito Capitam mor dandolhe os necessarios para seu sustento, e servisso, e hoje naquella praça rezidem os Padres missionarios da Provincia da Piedade, donde estão fazendo hum hospicio, e a fazem mais frequente.

Dois dias de viagem do Gurupá pello rio a sima, está o forte do Parú hum dos pertencentes a Francisco da Motta e hoje a seu filho Manuel da Motta de Siqueira. Eu o desenhei na forma de hũa estrella quadrangular, está hoje guarneçido com hum tenente, e hum sargento com 6 soldados, e 3 pessos de artilharia; necessita de mais 5 pessos, e mais groças 4 de 8, e hũa de 6, e até aqui chegão os francezes invadindo aquelles rios circumvizinhos contractando pessos com os gentios Aricorazes, Urubás, Aruaquiz, e Tucujús, e poderá a sua corizidade querer passar avante, e deve estar este forte mais prevenido da Infantaria, e monissõens; e ao menos necessita de hũa esquadra de 18 soldados e dois artilheiros.

He mui bom o cittio adonde está este forte, e sadio para povoação, mas como o forte foy feito por hum homem, que hia mais a ganhar com Sua Mage que a servillo, a formou de pedra, e barro com hum delgado tono de reboque de cal, e sendo fundado sobre hũa rocha donde havia soma de pedra, e segou a ambição de tal sorte que lhe fes hum lanço de parede de pao a pique, podendoa continuar de pedra, e barro como hia o mais, os quais paos huns erão de girao incurrutivel, e outros molles que padecem currução como em breve tempo se exprementou a ruina, e sendo isto entulhado com fachina, e para a banda da porta, donde havia ser mais fortificada, apodrecerão os paos molles, e se está mal sustentando nos paos de girao com a fachina, fiado nas provisõins que tem a sua Mage para que os Governadores se não entremetão nas ditas obras, dizendo não ser obrigado a fazer as ditas cazas fortes mais que de pao, e terra, nam reparando que se as fizeram de paos capazes lhe avião de custar mais que de pedra; o que deve Sua Mage mandar que o dito Manuel da Motta reforme a sua custa aquelle lansso de pedra de que he feita a mais muralha, o solho do parapeito ou, o ladrilho, por cauza das continuas chuvas daquellas terras, que pello tempo adianta se pode arruinar pello defeito do reboque; este forte dá a mão ao Gurupá.

Segue-se a Fortaleza dos Tapajoz hũa das da obrigação de Manoel da Motta de Siqueira, que seu pay quiz fosse a mayor, por Sua Mage o haver feito Governador della, e o cittio e pedia por ter suficiencia para isso, e ser a terra mais sadia, e fertil, e ter duas popullizas aldeas junto ao dito citio, fóra muitas mais que estavam pello rio asima nossos compadres. Dessenhey esta fortaleza, cidadella regular com 4 baluartes, está com os alicerses feitos a 8 para 9 annos, que como se entremetteram as fortalezas do Cabo do Norte, e as da barra do Pará, e Maranhão, e sendo eu só engenheiro de todo aquelle Estado acodindo a hũa, e a outra parte por dilatadas jornadas, servio esta minha occupação de motivo ao descanço com que se porta o dito superintendente Manoel da Motta na sua obrigação para não continuar aquella obra podendoa ter já consumada, pois a tudo acodi eu sempre como era nessessario a qual deve Sua Magestade ao dito superintendente que a acabe por ser esta muito nessessaria por estar na boca do rio dos Tapajoz margem das Amazonas, e dá esta mão ao Forte do Parú, que sem dous dias de viagem; e neste citio se pode fazer hũa boa povoação por ser salutifiro, e abundante, e ter muitos Indios de que necessitão os moradores.

Caminhando pello rio asima das Amazonas desde a boca dos Tapajoz tres dias de viagem, estão dois citios no mais estreito de todo o Rio das Amazonas da banda direita hum a que chama a Tapera dos Condurizes, adonde esteve hũa aldea desta nação, e da banda esquerda, outro a que chamão Tapera dos Jamcondazes, adonde esteve outra aldea desta nação, os quais dois citios são capazes de duas boas

fortalezas, por ser como tenho dito a parte mais estreita daquelle rio, e dellas poderá ser bem defendido, e juntamente com capacidade para duas boas povoassõins, por ser muy sádia a terra, e fertil, e dar a mão a fortaleza dos Thopajós, e daqui para sima se podem fazer as mais fortalezas dando a mão hûas as outras quando Sua Mage queira bem fortificar aquelle rio athe as bocas dos mais rios que neste das Amazonas dezaguão; como são *queriby*, *Atumã* donde está hum citio em hûa ponta que os divide capaz de os defender a ambos com pedra quanto mais com forssas; donde eu mandey rossar o matto para fazer hûa fortaleza das que estava obrigado Francisco Motta; e se seguem os Rios de *Matari*, e *urubú* donde o dito superintendente tinha, e levava obrigação de fazer outra neste citio.

Mais asima fica o Rio Negro donde na entrada delle *fes Manoel da Motta* hûa caza forte das da sua obrigação; esta está mal guarnecida por ter hum tenente homem inerte donde deve estar hum bom soldado por capitam tenente com 18 soldados, e sargento, e hoje não tem mais guarnição que 6 soldados, e nenhûa artelharia, nessessita muito de 6 pessos, duas de doze, e duas de 8 duas de 6 da *outra banda do rio oposto*, deve Sua Mage mandar se faça *outro forte* com a mesma artelharia para que esta entrada seja bem defendida; o qual pode fazer o dito Superintendente Manoel da Motta em lugar do que está obrigado fazer no *Acaqui* (cizio oposto ao forte do Parú) que por não ser capaz o dito citio se deve promover para aquella parte do Rio Negro; e emepedida esta emtrada, não poderão por esta parte entrar as naçõens estrangeiras e invadir os nossos rios pois tive noticia, que pellas cabeceiras deste Rio Negro tinhão os Hollandezes, e Inglezes cravado comercio com aquelle gentio.

Da outra banda do Rio das Amazonas está o Rio *da madeira*, este também se *pode fortificar* sendo nessessario, porq. na boca tem citio capaz, e seguindo o dito Rio das Amazonas abacho por esta banda ficão inumeraveis aldeas, e nascõis de gentios pellos rios Canumá, Aca-bachis, Garinamá, Maguez, Andiráz, Coriatos, e dos Tapinambaranas, athe voltar outra vez ao Rio Thopojós, os quais Tapinambaranas digo os quais todos podem ser fortificados nas suas bocas; porem delles se não pode dominar o Rio das Amazonas, por ter hûa Ilha que lhes atraveça as bocas desde a do Rio Madeira athe a dos Tapinambaranas, e lhes cega a vista do dito rio.

Para todas estas fortalezas asim velhas como novas, e as que se devem fazer, não ha Infantaria no Pará para as guarnicerem, nem bem as que estão na cidade por ser esta muito falta de gente, asim Im-fantes, como moradores, porque fazendo nella hûa mostra geral neste anno de 95, se não acharão entre soldados, moradores e cidadãos; duzentos homens de pegar digo capazes de pegar em armas, para o que deve Sua Mage mandar gente com toda a brevidade para guarnição das fortalezas, e as pessos sobreditas, e armas de pedreneyra, e bastante

polvora, e balla porquanto estão as fortalezas quazi ao dezamparo, e juntamente mandar prevenir os mantimentos para sustentar a gente emquanto nam forem repartidos pellos prezídios, ordenando ao Governador mande fazer rossarias, e pesqueiros anticipados para que não pareção como a gente que foy á annos das Ilhas que muitos acabarão á mão da fome aquelle primeiro anno por não acharem provimento; porquanto os moradores do Pará se não ocupão em fazer mais mantimentos que o necessario para suas familias.

E como estas fortalezas todo o estado do Maranham, e o Rio das Amazonas fica fortificado desde a sua entrada; porem necessita muito o Cabo do Norte ser corrido todos os annos desde março athe Julho com hũa esquadra de 4 canoas com Infantaria deitando cada fortaleza sua canoa, a de Araguari, a de Comaú, a do Gurupá, com a do Parú, isto sem gastos nem dispendios incorporandosse todos na fortaleza de Comaú, para dahi sahir hum cabo a correr aquelles rios desde Araguari, athe o Parú para dezinfestar aos Francezes, que naquella monção vão todos os annos aos seus contractos com os quais pretendem grangiar a amizade com o gentio tomando delles noticias de todo aquelle certão, porque inda este anno o fizerão, o que nos poderá servir de algum prejuizo. Isto he o que se me offeresse Sua Mag^{de} mandará o que for servido.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1695

Pedro de Azevedo Carneiro